



ENTIDADE REGULADORA
PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL

Deliberação

ERC/2021/42 (CONTJOR-NET)

Participação contra a Rádio Renascença a propósito da publicação, na sua edição online, de uma peça intitulada «"Coronacéticos" agitam debate. Das "ideias perigosas baseadas no medo" ao "excesso de informação"»

Lisboa
3 de fevereiro de 2021

Conselho Regulador da Entidade Reguladora para a Comunicação Social

Deliberação ERC/2021/42 (CONTJOR-NET)

Assunto: Participação contra a Rádio Renascença a propósito da publicação, na sua edição online, de uma peça intitulada «"Coronacéticos" agitam debate. Das "ideias perigosas baseadas no medo" ao "excesso de informação"»

I. Participação

1. Deu entrada na ERC, a 11 de setembro de 2020, uma participação contra a Renascença, a propósito da publicação, no dia 8 de setembro, de uma peça informativa intitulada «"Coronacéticos" agitam debate. Das "ideias perigosas baseadas no medo" ao "excesso de informação"».
2. A participante entende que a peça não respeita o princípio do contraditório, pois foram ouvidos «uma médica de saúde pública e um psicólogo portugueses que corroboram a perspetiva dominante, mas o contraponto é feito através de vídeos retirados da internet».
3. Questiona ainda se a jornalista «[n]ão encontrou ninguém com um estatuto igualmente reconhecido (outro médico ou psicólogo) para fazer o contraditório ou queria apenas veicular a sua opinião pessoal acerca dos que têm perspetivas divergentes?»

II. Posição do Denunciado

4. O denunciado sustenta que «[o] vídeo em causa publicado na nossa página online baseia-se no material da agência Reuters e do Facebook (por nós editado) e dá conta da existência de uma pluralidade de manifestações, em várias partes do mundo (Portugal, Alemanha, França, Índia, etc.) contra as medidas adotadas contra a pandemia Covid-19 pelos vários Governos.»
5. Esclarece a Rádio Renascença que «[a] peça reproduz, no caso português, parte das intervenções de organizadores e em relação a outros países o testemunho de manifestantes, nomeadamente alemães e franceses que são interrogados sobre o que os leva a participar nessas manifestações ficando claro o seu ceticismo sobre a importância das medidas adotadas no combate e a perigosidade da doença. »

6. Afirma que «[a] peça que acompanha e efetua o resumo do vídeo esclarece quais as bandeiras que exibem designadamente a “defesa da liberdade individual” e anuncia os peritos envolvidos: o bastonário da ordem dos psicólogos, Francisco Miranda, e a médica de saúde pública Teresa Leão».
7. O denunciado argumenta que «[p]ara que os nosso ouvintes/leitores e espectadores conseguissem perceber melhor este fenómeno, a Renascença decidiu procurar a ajuda dos dois especialistas, escolhidos com o estrito critério da sua reputação científica e sem previamente lhes perguntar se concordavam ou não com as ditas manifestações. Pronunciam-se, enquanto especialistas nas suas áreas explicando o que pode justificar o comportamento social em causa, frisando apenas que a posição dos manifestantes acarreta perigos vários mas “é respeitável e devemos ter uma atitude de aceitação”, ou seja, nenhum deles diaboliza o fenómeno.»
8. Defende a Rádio Renascença que «[n]ão se tratou, assim, de procurar um confronto ideológico que exija contraditório, mas tão só de dar a conhecer factos que estando a ocorrer merecem ser noticiados fornecendo o enquadramento para se tornarem perceptíveis ao grande público.»
9. Argumenta que «[a]parentemente a queixosa considera a exigência de pluralismo de uma forma redutora e que aqui não se aplica e no limite é mesmo totalmente respeitada».
10. Pelo exposto, o denunciado entende não ter ocorrido qualquer «falha deontológica, pelo contrário, a Renascença cumpriu com esmero o seu dever de ajudar o leitor/ouvinte/espetador a formar a respetiva opinião com o melhor enquadramento».

III. Análise e fundamentação

11. O caso em apreço remete para a verificação do cumprimento do dever de rigor informativo.
12. O artigo 3.º da Lei de Imprensa (Lei n.º 2/99, de 13 de Janeiro) determina que «[a] liberdade de imprensa tem como únicos limites os que decorrem da Constituição e da lei, de forma a salvaguardar o rigor e a objetividade da informação, a garantir os direitos ao bom nome, à reserva da intimidade da vida privada, à imagem e à palavra dos cidadãos e a defender o interesse público e a ordem democrática».

13. Ressalte-se ainda a alínea a) do n.º 1 do artigo 14.º do Estatuto do Jornalista¹ (doravante, EJ) determina aos jornalistas que informem «com rigor e isenção, rejeitando o sensacionalismo e demarcando claramente os factos da opinião».
14. Por sua vez, o primeiro ponto do Código Deontológico do Jornalista², dispõe que «[o] jornalista deve relatar os factos com rigor e exatidão e interpretá-los com honestidade», bem como o ponto 2 que refere que «[o] jornalista deve combater a censura e o sensacionalismo e considerar a acusação sem provas e o plágio como graves faltas profissionais».
15. Registe-se ainda a alínea f) do n.º 1 do citado artigo 14.º do EJ, que refere que os jornalistas devem «identificar, como regra, as suas fontes de informação, e atribuir as opiniões recolhidas aos respetivos autores», sendo que a alínea e) preconiza a procura da diversificação das suas fontes de informação e a audição das partes com interesses atendíveis nos casos de que se ocupem.
16. No dia 8 de setembro, a Rádio Renascença publicou, na sua página online, uma peça informativa – um vídeo e um texto – intitulada «"Coronacéticos" agitam debate. Das "ideias perigosas baseadas no medo" ao "excesso de informação"»³.
17. A peça (vídeo) exhibe imagens de várias manifestações, tais como em Portugal, França e Alemanha, a propósito das medidas implementadas pelos respetivos governos no combate à pandemia, intercaladas com as opiniões de dois especialistas: Teresa Leão, médica de saúde pública e Francisco Miranda, Bastonário da Ordem dos Psicólogos.
18. Afirma-se, no texto que introduz o vídeo, que tratam-se de grupos que são «[t]ambém conhecidos como "coronacéticos"».
19. Os manifestantes são, assim, rotulados de «coronacéticos», um termo que tem vindo a ser utilizado por diferentes media de vários países, embora a peça não chegue a enquadrar o termo, nem este *per se* permita abarcar a complexidade do fenómeno. Destaque-se que nenhum dos manifestantes entrevistados nega a existência do vírus ou o seu efeito, ou nega a perigosidade da doença – contrariamente ao que afirma o denunciado na sua oposição –, focando-se antes na crítica às medidas ao seu combate, no impacto das mesmas na

¹ Aprovado pela Lei n.º 1/99, de 13 de janeiro, na sua redação atual.

² Aprovado no 4º Congresso dos Jornalistas, a 15 de janeiro de 2017, e confirmado em Referendo realizado a 26, 27 e 28 de outubro de 2017.

³ <https://rr.sapo.pt/2020/09/08/reportagem/coronaceticos-agitam-debate-das-ideias-perigosas-baseadas-no-medo-ao-excesso-de-informacao/video/249246/>

sociedade, como sejam os efeitos psicológicos e sociais das medidas, a restrição de liberdades, a obrigatoriedade da vacinação, etc.

20. Afirma-se ainda no texto que introduz o vídeo, que «estes grupos baseiam-se, muitas vezes, em teorias da conspiração e informações falsas com origem na internet».
21. Contudo, não é providenciado qualquer enquadramento sobre quais são as informações falsas ou teorias da conspiração que esses grupos alegam ou defendem, ou outras quaisquer informações que permitam perceber em que se baseiam os referidos “grupos” na construção das suas reivindicações.
22. Nas declarações dos manifestantes entrevistados em nenhum momento são referidas quaisquer “teorias” ou “factos” que possam ser considerados informação falsa ou teoria da conspiração, mas tão-somente as suas reivindicações – a liberdade, o fim do uso obrigatório de máscaras, a opção de escolha em relação à vacinação – e a crítica aos efeitos sociais e psicológicos das medidas de confinamento. Tratando-se de manifestações em vários países e com milhares de pessoas existirá, porventura, várias pessoas que se baseiam em informação falsa (desinformação) ou teorias da conspiração, mas a peça não exhibe qualquer opinião de manifestantes entrevistados que, por exemplo, pudesse ser alvo de uma análise de fact-checking.
23. A peça afirma, desde logo, que as manifestações em Portugal foram organizadas por um «grupo de Facebook Verdade Inconveniente». Esta é a única informação providenciada na peça sobre o movimento cívico⁴ que organizou as manifestações.
24. No que respeita às manifestações em Portugal, nenhum manifestante é entrevistado, mas são exibidos excertos das intervenções nas referidas manifestações, nomeadamente de quatro pessoas (não identificadas; uma das intervenções apenas em áudio), presume-se, membros do grupo “Verdade Inconveniente”⁵, embora tal nunca seja referido ou ocorra outra qualquer forma de identificação. Estes excertos, por serem bastante curtos, não fornecem o contexto necessário para que a mensagem seja compreendida, nomeadamente por exemplo sobre a que se referem as acusações – um dos manifestantes fala em uma “mentira” perpetuada por

⁴ Na referida página da rede social verifica-se que o grupo se autointitula como um movimento cívico e apartidário.

https://www.facebook.com/pg/PelaLiberdadeEVerdade/about/?ref=page_internal

“eles” –, e que argumentos tecem contra a gestão da pandemia pelos governos, nomeadamente o português. Não é, assim, possível, perceber a(s) teoria(s), ou que alegados factos alicerçam as suas contestações e reivindicações.

25. Ganharia a peça, e conseqüentemente o cidadão relativamente ao seu direito a ser informado, se a Rádio Renascença tivesse auscultado os referidos organizadores – membros do grupo Verdade Inconveniente -, nomeadamente no sentido de apresentar a sua posição face à imputação de se basearem em informação falsa ou em teorias da conspiração, sobre o rótulo que lhes é atribuído de “coronacéticos” ou ainda sobre a afirmação de um dos especialistas auscultados de que os manifestantes defendem “ideias perigosas baseadas no medo” (a peça destaca em particular esta visão dos especialistas entrevistados, desde logo, no título da peça, «“Coronacéticos” agitam debate. Das “ideias perigosas baseadas no medo” ao “excesso de informação”»).
26. Importa ainda referir que entre as imagens das manifestações em Portugal dá-se destaque (imagens), por três vezes, a cartazes/inscrições do movimento “Médicos pela Verdade”, embora este movimento português nunca seja referido na peça. A sua auscultação – e tratando-se, alegadamente, de médicos – também poderia fornecer elementos de contextualização e enquadramento sobre as referidas manifestações, sobre as informações que sustentam as críticas às medidas definidas para o combate à pandemia, fornecendo também um possível contraponto à visão científica e médica aceite.
27. Estando em causa um assunto de saúde pública, num contexto de crise sanitária, entende-se que a abordagem jornalística dada pela Rádio Renascença ganharia com um enquadramento mais amplo e fundamentado da problemática, recorrendo e confrontando fontes de informação com diferentes visões da matéria.

IV. Deliberação

Apreciada uma participação contra a Rádio Renascença relativa à publicação de uma peça informativa intitulada «“Coronacéticos” agitam debate. Das “ideias perigosas baseadas no medo” ao “excesso de informação”», o Conselho Regulador, no exercício das atribuições e competências de regulação constantes, respetivamente, nos artigos 7.º, alínea d), 8.º, alínea j), e 24.º, n.º 3, alínea a) dos Estatutos

anexos à Lei n.º 53/2005, de 8 de novembro, delibera sensibilizar a Rádio Renascença no sentido de assegurar um maior rigor informativo na exposição dos factos.

Lisboa, 3 de fevereiro de 2021

O Conselho Regulador,

Sebastião Póvoas

Mário Mesquita

Francisco Azevedo e Silva

Fátima Resende

João Pedro Figueiredo

Relatório de visionamento e análise de conteúdo referente ao processo 500.10.01/2020/246

1. No dia 8 de setembro de 2020, a Rádio Renascença publicou no seu sítio eletrónico uma peça – texto e vídeo – com o título «“Coronacéticos” agitam debate. Das “ideias perigosas baseadas no medo” ao “excesso de informação”».
2. A peça em vídeo, com a duração de 8m25s, é acompanhada do seguinte texto:
«Um pouco por toda a Europa, incluindo Portugal, multiplicam-se protestos contra as medidas impostas pela pandemia da Covid-19. O movimento, que ergue a bandeira da liberdade, exige o fim do uso obrigatório de máscaras, a opção de escolha em relação à vacinação, entre outras reivindicações. Também conhecidos como “coronacéticos”, estes grupos baseiam-se, muitas vezes, em teorias da conspiração e informações falsas com origem na internet. “Isto dá uma saída às pessoas, porque dá um significado ao esforço que está a ser feito. As pessoas estão cansadas”, justifica o bastonário dos Psicólogos à Renascença. Para Teresa Leão, médica de saúde pública, “o medo de ficar de novo confinado e o peso que isto teve para a saúde mental das pessoas associa-se a este movimento”.»
3. A peça começa com imagens de manifestações e com reproduções em áudio de alguns manifestantes (não identificados), um português – não é exibida qualquer imagem deste – e um alemão.
4. O manifestante português afirma (são exibidas imagens da manifestação em Portugal, onde se destaca um cartaz com a inscrição “Médicos pela Verdade”): «É por isso que estou aqui. A lutar pelos direitos e pela liberdade de todos e de Portugal inteiro”.
5. O manifestante alemão afirma: «Fora com estas leis que nos foram impostas, fora com estas máscaras que nos tornam escravos».
6. Surge de seguida o título da peça: «“Coronacéticos” agiram debate da Covid-19 na Europa».
7. Segue-se a intervenção, por videochamada de Teresa Leão, médica de saúde pública (embora nesta intervenção não seja identificada como tal, mas sim na sua intervenção seguinte): «Esta sensação de grande medo, de ficar de novo confinado, o peso que isto teve para a saúde mental das pessoas e a sensação agora de menos medo da pandemia, de que isto se calhar é passageiro e não é assim tão importante vem a associar-se a essa noção de “se calhar não faz sentido termos estas restrições todas”».

8. Segue-se a intervenção de Francisco Miranda, Bastonário da Ordem dos Psicólogos (embora nesta intervenção não seja identificado, mas sim na sua intervenção seguinte): «Esta ideia muito perigosa do tipo “teoria da conspiração” é basicamente uma construção que dá um significado a por que é que este esforço todo está a ser feito, embora seja um significado que é destruidor, que põe em causa o próprio esforço, mas que dá uma saída às pessoas, dá uma saída que é “ah, afinal não tem de ser assim, portanto, isto afinal não é assim tão grave”..»
9. De seguida, surge escrito [enquanto se exibem imagens de manifestações]: «Algumas capitais europeias têm sido palco de protestos contra as medidas impostas pela pandemia da Covid-19. Os de maior expressão, até agora, foram em Berlim, onde num dia se juntaram quase 20 mil pessoas. Decorreram também noutras cidades no Reino Unido, França, Suíça e Espanha, EUA e Canadá. Alguns destes países obrigam ao uso de máscara na rua e quem convoca os protestos segue a bandeira da liberdade».
10. Segue-se nova intervenção de Teresa Leão: «Como pessoa e como médica de saúde pública, quando vejo as imagens destas manifestações fico, de facto, incomodada. Uma coisa é as pessoas serem contra a implementação de medidas de contenção muito fortes, outra coisa é as pessoas não terem noção de como é que se transmite a doença e de que forma é que se deve prevenir e os riscos associados a nível populacional. Este movimento preocupa-me pelo facto de, muitas vezes, ser baseado em notícias falsas ou informações falsas que estão em circulação.»
11. E de Francisco Miranda: «A quantidade de informação é tão grande, tão grande, tão grande, que isso leva a uma espécie de sobrecarga da nossa capacidade de processamento de informação. E se nós não estivermos bem do ponto de vista emocional essa sobrecarga acontece muito mais cedo. É natural que os movimentos desta natureza cresçam num período destes. Quem é que gosta de cair numa situação difícil de vida para si e para os seus? É natural que possam existir opiniões diferentes e depois existam os factos. É absolutamente respeitável e devemos ter uma atitude de aceitação face àquilo que é os protestos de algo que as pessoas sentem como desconfortável, desagradável. E se não aceitarmos que existe esse desconforto também não estamos a contribuir muito para a resolução da situação».
12. Surgem então imagens de uma página de Facebook do movimento cívico “Verdade Inconveniente” e a seguinte informação: «Em Portugal, o grupo do Facebook “Verdade

Inconveniente” convocou duas manifestações: uma em Lisboa (Rossio) e outra no Porto (Aliados).»

13. Enquanto se exibem imagens das manifestações em Portugal (imagens de pessoas na rua com cartazes, com afirmações tais como «+ árvores – aviões. Sem a fraude do Covid», «Pela honestidade na ciência» ou «Promovam a Saúde em vez do medo», entre outros; entre as imagens de cartazes surgem três cartazes do movimento “Médicos pela Verdade”) ouvem-se excertos de várias intervenções de manifestantes:

«Rossio, Lisboa»

- 1) Voz de pessoa não identificada que discursa numa manifestação no Rossio: «E é por isso que eu estou aqui. A lutar pelos direitos e pela liberdade de todos e de Portugal inteiro»;
- 2) Imagens de um manifestante a discursar (não identificada): «Olho para este país e para este mundo e penso “o que é que eles foram fazer?” E pergunto-vos a vocês, que são novos, é isto que vocês querem para os vossos filhos?»; A multidão responde: «Não».

«Praça D. João I, Porto»

- 3) Imagens de um manifestante a discursar (não identificado): «Agora falta saber o porquê de tudo isto estar a acontecer. Por que é que eles fizeram tudo isto? Qual é o objetivo? Qual é a mentira maior? Todas elas são mentiras, mas qual é a mentira maior? Alguém sabe?»
- 4) Imagens de um manifestante a discursar (não identificado): «Como é que as pessoas, em tão pouco tempo, aceitam tudo? Aceitam que os direitos e as liberdades lhes sejam retirados! Aceitam que os direitos e as liberdades lhes sejam retirados! Como é que é possível? Pensem! As pessoas estão completamente alienadas da razão. As pessoas estão completamente alienadas da verdade. As pessoas vivem num pânico total, nem eles sabem porquê. Eu pergunto “ mas você tem medo de quê?” “Ah, tenho medo do vírus.” Mas o vírus onde é que anda? Você está sozinha na rua, não tenha medo do vírus. As pessoas estão aterrorizadas...».

14. Segue-se nova intervenção de Francisco Miranda: «Muitas vezes, não são mais do que opiniões, que têm todo o direito a expressar, mas podem não ser é opiniões de acordo, por exemplo, com a evidência científica».

15. E também de Teresa Leão: «Creio que todos nós temos direitos a expressar as nossas dúvidas, que têm todo o direito a expressar as nossas dúvidas, as nossas inseguranças, mas

temos de perceber quais são as consequências que podem surgir daqui. Os dias de hoje são de muita cautela, de muita ponderação, de estarmos atentos».

16. De seguida, é exibido o seguinte texto:

«As principais reivindicações destes grupos passam pelo não uso obrigatório da máscara.

– O não à vacinação em massa obrigatória.

– As liberdades de circulação e o respeito pelos direitos fundamentais das pessoas

– Não ao rastreamento móvel e à monitorização de conteúdos na internet

– E a reabertura de negócios para todos os grupos económicos»

17. São depois exibidas as declarações de dois manifestantes:

a) «Berlim, 01/08/2020; Manifestante»

«A nossa reivindicação é basicamente voltar à democracia. Fora com estas leis que nos foram impostas, foram com estas máscaras que nos tomam escravos.»

b) «Paris, 29/08/2020»

«Estou aqui hoje por causa do uso de máscaras. Não acho que a obrigatoriedade seja uma medida correta. O uso de máscaras também conduziu ao medo, ao terror, e talvez obrigar as pessoas a aceitarem a obrigatoriedade da vacinação de forma a nos livrarmos das máscaras, também não quero que a vacinação seja obrigatória. Estou aqui também por causa disso».

18. Segue-se mais uma intervenção de Teresa Leão: «É importante que as pessoas saibam, por exemplo, que uma vacina, após a sua implementação no terreno, é acompanhada e monitorizada de forma muito apertada pelo Infarmed. A vacinação obrigatória pode ser tomada nalguns países. Acho pouco provável que venha a ser implementada em Portugal. Nós não temos essa política. Nós só colocaremos no terreno uma vacina que seja muito mais benéfica do que traga riscos.»

19. Ao que se seguem as declarações de um manifestante alemão, identificado pelo nome –

«Axel Hamn, Manifestante»:

«Berlim, Alemanha, 29/09/2020»; «A razão por trás destas demonstrações é muito simples. É pela liberdade. É um reforço da democracia quando as pessoas com diferentes ideologias políticas se juntam pela liberdade, para que a dúvida possa existir no debate, para pontos de vista científicos diferentes poderem ser levados a sério e discutidos».

20. Segue-se mais uma intervenção/comentário de Teresa Leão: «O argumento da restrição da liberdade é perfeitamente válido, nós fizemos muitas restrições de liberdades desde o início da pandemia. Restrições que nós nunca tínhamos visto implementadas, a larga escala, a nível mundial».
21. Exibe-se mais uma declaração de um manifestante alemão – «Berlim, Alemanha, 01/08/2020; Manifestante»:
«Neste momento, parece que o mundo inteiro da política se transformou numa política virológica, apenas. Mas há muito mais para além deste lado. Sim, há efeitos sociais, efeitos médicos e efeitos psicológicos destas medidas. Tudo isto tem de ser equilibrado. Já não tenho a impressão de que, neste momento, as coisas estejam sequer perto de serem proporcionais ou equilibradas».
22. A peça finaliza com mais uma intervenção de cada um dos comentadores convidados:
 - 1) Teresa Leão: «Uma forma que poderá facilitar ou que poderá ajudar os governos a lidar com isto é criar alguma forma de participação social».
 - 2) Francisco Miranda: «O que há que mais perguntar, neste momento, é por que é que as autoridades de saúde não são reforçadas nos seus recursos para poderem ter ao seu dispor peritos na área da psicologia, tanto relacionados com a psicologia social da gestão de risco e perceção de risco como nos impactos psicológicos que também devem ser calculados. Não estamos a lidar só com um vírus, estamos a lidar com um vírus e com pessoas, e se o comportamento das pessoas é importante e a forma como percecionamos o risco é importante, devíamos ter psicólogos a trabalhar nestas equipas. Temos que ser persistentes, temos que ser também pacientes e unir-nos à volta daquilo que também nos distingue, sem isso, tornamo-nos pouco diferentes de outras espécies, com o que isso pode ter de bom, também nalguns aspetos, mas também de mau, com situações de maior exclusão que, quando começam, nunca se sabe onde é que acabam.

Departamento de Análise de Media